

## O LEGADO DE FREUD E DE LACAN: AS VISSICITUDES DO COMPLEXO DE ÉDIPO<sup>1</sup>

Ilka Schapper Santos<sup>2</sup>  
Stetina Trani de Meneses Dacorso<sup>3</sup>

### RESUMO:

Este artigo discute a questão do Complexo de Édipo em Freud e em Lacan. É um tema muito importante e está na origem do trabalho analítico, bem como atravessa de forma não linear a produção teórico-clínica de Freud e aguça também o interesse de Lacan. O eixo teórico incide no percurso feito na obra dos dois autores psicanalíticos, em que a temática se apresenta. Na esteira do debate, a proposta do texto incide em circular como o Complexo de Édipo pode se desenvolver na tríade mãe-criança-pai e de que maneira o imperativo da lei primordial do incesto e, por conseguinte, a castração atuam na formação subjetiva do sujeito. No percurso do texto o leitor vai encontrar o caminho da construção das formulações e das hipóteses dos autores sobre a temática, com ênfase em como o menino e a menina experimentam a cena edipiana, tanto na perspectiva freudiana quanto na lacanianiana e, por fim, há uma discussão nas considerações finais de como esse operador pode auxiliar no cotidiano da clínica e quais desdobramentos investigativos seriam interessantes para a continuidade do debate.

Palavras-chave: Psicanálise. Complexo de Édipo. Freud. Lacan.

### THE LEGACY OF FREUD AND LACAN: THE VISSICITUDES OF THE O EDIPO COMPLEX

#### ABSTRACT:

This article discusses the Oedipus Complex issue in Freud and Lacan. It is a very important topic, which lies at the very origin of the analytical work, and permeates Freud's theoretical-clinical production in a non-linear manner, raising Lacan's interest. The theoretical axis focuses on the path taken in the work of the two psychoanalytic authors, in which the topic is introduced. Following the debate, the proposal of the text focuses on circulating how Oedipus Complex can develop in the mother-child-father triad and how the imperative of the primordial law of incest and, consequently, castration play a role in the subjective formation of an individual. In the course of the text, the reader will find the way the authors' formulations and hypotheses were constructed on the topic, with an emphasis on how the boy and the girl experience the Oedipal scene, both in the Freudian and Lacanian perspectives. Finally, there is a discussion on the final considerations of how this operator can assist in the daily clinical

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 01/06/2020 e aprovado, após reformulações, em 29 /06/2020.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do UNIACADEMIA. E-mail: ilkaschapper@gmail.com

<sup>3</sup> Mestra em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF), Mestra em Psicanálise pela American World University e docente do UNIACADEMIA. E-mail: stetinadacorso@cesjf.br

practice and what investigative developments would be interesting for the continuation of the debate.

Keywords: Psychoanalysis. Oedipus complex. Freud. Lacan.

## 1 INTRODUÇÃO

Continuei dizendo que bem antes de ele nascer eu já sabia que ia chegar um pequeno Hans que iria gostar tanto de sua mãe que, por causa disso, não deixaria de sentir medo de seu pai (FREUD, 1996a, p. 45).

Este artigo procura trilhar o caminho feito por Sigmund Schlomo Freud e por Jacques-Marie Émile Lacan acerca do Complexo de Édipo, em especial, discorrer sobre a diferença do Édipo na menina e no menino. Assim, o objetivo do trabalho incide em compreender as incidências do Complexo de Édipo na menina e no menino, em relação à tríade mãe-criança-pai. As perguntas de partida circularam em torno das seguintes interrogações: (1) Como essa construção conceitual da categoria do Édipo opera no campo teórico? (2) Quais os efeitos da experiência do Complexo de Édipo na menina e no menino? (3) E como o conhecimento desse operador pode auxiliar no trabalho da clínica?

Como sinaliza Moreira (2004), o Complexo de Édipo constitui uma das questões cruciais do corpus teórico e da clínica psicanalítica. Para o campo analítico, o momento fundamental da constituição do sujeito encontra-se inscrito no romance edipiano. Seguindo esta pista, o Édipo não se restringe ao “complexo nuclear” das neuroses, mas se configura, também, como um elemento que organiza e estrutura o sujeito diante da distinção entre os sexos e, sobremaneira, frente à angústia de castração.

Freud, ao longo de sua elaboração teórico-clínica sobre o Complexo de Édipo, tece três formulações importantes sobre esse operador: (1) a primeira delas é uma relação de similaridade entre o Édipo na menina e no menino, presente nas suas primeiras construções; (2) a segunda é uma associação entre o conceito de identificação à trama edipiana e a relação disso na formação do Eu e do Supereu e a (3) última elaboração está inscrita na diferença do Édipo na menina e no menino e o modo como isso é experimentado por meio do complexo de castração. Esses caminhos, tecidos pelo autor, mostram que o Complexo de Édipo se refere ao modo como se constrói as relações da criança com as figuras parentais e as incidências dessa vivência subjetiva na formação do sujeito.

Já em Lacan a discussão acerca do Complexo de Édipo incide no debate sobre aquilo que constitui a metáfora paterna e na apresentação e argumentação sobre os três tempos do Édipo. Aqui o autor dá ênfase ao lugar do pai, como metáfora paterna, na tríade mãe-criança-pai. O legado de Lacan concerne em dizer da instauração da lei primordial do incesto, por meio da entrada do pai na relação dual mãe-criança.

## **2 NO PRINCÍPIO, ERA O ÉDIPO – O LEGADO DE FREUD**

Antes de ser feito um levantamento do Complexo de Édipo na obra de Freud, é importante apresentar como Laplanche e Pontalis (1996, p.77) concebem esse operador clínico, em termos de apresentação desse vocabulário para a psicanálise:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do Complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do Complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O Complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia; para cada tipo patológico eles procuram determinar as formas particulares de sua posição e de sua solução.

Na definição acima já se tem elementos muitos importantes que serão tratados neste artigo, em especial o caráter positivo, negativo e completo do Complexo de Édipo e os efeitos disso para o menino e para a menina.

A tese que permite refletir sobre as incidências do Édipo na formação subjetiva do sujeito, se inscreve na elaboração mais ampla de Freud de que a sexualidade<sup>4</sup> aparece na infância, na mais tenra idade, desde o nascimento, nos bebês. Faria (2014, p.36) nos relembra, por meio das formulações que constrói do texto freudiano Três ensaios sobre a sexualidade, que “segundo Freud, o corpo da criança é um corpo erógeno no qual a mãe, por meio de seus cuidados, marca determinados pontos como

---

<sup>4</sup> Segundo Laplanche & Pontalis (2016, p. 476) “na experiência e na teoria psicanalítica, sexualidade não se designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irreduzível a satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função, de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes da chamada forma normal de amor sexual”.

zonas de obtenção de prazer” (p.36). A autora continua explicitando que, de largada, qualquer parte do corpo pode incidir em satisfação para a criança e que algumas dessas zonas, ao longo do desenvolvimento infantil, tornam-se erógenas. A boca e o ânus e, depois, os genitais são essas zonas erógenas parciais, que seguem cada uma, rotas independentes, vindo, a *posteriori*, se reapresentar nas incidências do Édipo.

O Complexo de Édipo demarca o *lócus* em que a sexualidade infantil é experimentada, se constituindo como uma operação fundamental na estruturação da criança, introduzindo a determinação do Outro<sup>5</sup> na constituição subjetiva do sujeito (LACAN, 2002a).

Os primeiros textos de Freud (1996a, 1996c) sobre as teorias da sexualidade dão subsídios para sua descrição do Complexo de Édipo, tendo três importantes pontos que podem ser assim sintetizadas: (1) a premissa revolucionária de Freud que incidia na afirmativa de que há sexualidade infantil; (2) a assertiva de que as crianças formulam teorias na tentativa de dar um sentido a esse campo da sua sexualidade. Isso pode ser visto nas elucubrações tecidas pelo pequeno Hans, por exemplo e (3) o último ponto, adicionado aos outros dois primeiros, inscrito na premissa fálica, que assegura que, tanto no caso dos meninos quanto no caso das meninas, a mãe é o primeiro objeto de amor das crianças. Este último ponto é central na distinção que será feita, nesta seção do artigo, sobre o Édipo na menina e menino. Esse movimento primeiro da sexualidade infantil já sinaliza para o lugar da mãe como esse primeiro Outro primordial, nas palavras de Lacan (1998b) tesouro dos significantes, e que terá efeitos na constituição subjetiva do sujeito.

Freud (1996e, 1996f), nas primeiras formulações, defende a tese de que o Complexo de Édipo incide em tratar o genitor do sexo oposto ao da criança como instância de amor e, em oposição a isso, nutrir sentimentos hostis ao genitor de mesmo sexo. Essa formulação é nomeada, por Freud, de positiva. O contrário disso, a forma negativa, seria considerar o genitor do mesmo sexo da criança como objeto de amor e, os sentimentos de hostilidades seriam dirigidos para o genitor do sexo

---

<sup>5</sup> Segundo Rudinesco & Plon (1998, p.558) esse é um “termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente [...] – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrassubjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar de alteridade especular. Mas pode também receber a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno outro, quer ao pequeno a, definido como objeto pequeno a.

oposto. Essa formulação primeira do Complexo de Édipo – considerada completa – mostra que Freud estabelecia uma relação de similaridade desse operador na menina e no menino.

Interessante observar que o criador da psicanálise, para ilustrar suas primeiras construções teóricas sobre o Complexo de Édipo, usa a obra clássica de Sófocles, bem como obras eternizadas da literatura em que se reapresentam o mito edípico: “Os Irmãos Karamazov”, de Dostoiévski (2013) e “Hamelet”, de William Shakespere (1978), que aparecem em muitas de suas construções teóricas sobre o romance edípico. Nesse contexto, em uma analogia ao que se apresenta na literatura, Freud começa a dizer sobre a relevância da cena edípica na tessitura da subjetividade do sujeito. É importante dizer, de largada, que nessas construções há dois elementos simbólicos em jogo: o desejo do incesto e o parricídio.

Antes da entrada nas discussões acerca do Complexo de Édipo é importante trazer outro mito, criado pelo pai da psicanálise, que também trata do parricídio e da lei do incesto, “Totem e Tabu” (1996d), texto escrito por Freud em 1913. Esta obra será trazido aqui por sua relevância e por sua relação com as discussões do Complexo de Édipo que serão trazidas posteriormente.

O texto começa explicando o sistema totêmico, em que o Totem, representado por um animal, ganha status da ordem do sagrado. A comunidade totêmica tem uma ambivalência em torno do Totem: de um lado ele é temido e, de outro, é tratado com devoção e deferência. O clã acredita que é protegido por ele, pois esse pai apesar de temido também protegia os membros da tribo. Por conta disso, o animal que simbolizava o sagrado para o clã não podia ser abatido, comido e nem caçado. Junto a proibição de eliminar o animal totêmico, tinha-se também uma outra questão imposta ao clã: era negada a prática da endogamia, uma forma de interdição ao incesto. Por conta disso, não havia a menor possibilidade de membros de um mesmo clã ter relações sexuais entre si.

A determinação de que nenhum membro do clã mantivesse relação sexual entre si vinha por ordem do chefe da tribo, considerado o pai supremo do clã. Freud (1996d) diz que esse pai era tirânico e violento, um verdadeiro déspota. Além disso, apesar de esse chefe exigir a exogamia aos membros, o pai da horda se autorizava a exercer a endogamia – mantendo relações sexuais com todas as mulheres da tribo. Ocorre que os filhos desse pai supremo, todos membros do clã, se uniram e

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 128-148, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

insurgiram contra ele e o mataram. Após assassinar o pai dois processos ocorrem. O primeiro é quando eles devoram o pai, em um banquete totêmico. Depois disso, em um segundo momento, os filhos se sentem culpados pela morte desse pai, pois ainda que tirânico essa figura paterna era o provedor, aquele que protegia e alimentava os filhos.

Diante do pai morto, os filhos passam a violar o tabu, mantendo relações sexuais com as mulheres do mesmo clã e se tornando rivais por conta delas. Para Freud (1996d), o assassinato do pai da horda, que simbolizava também uma fração do totem sagrado, gerou, em todos os filhos do chefe, dois sentimentos de culpa: (1) o parricídio e (2) o incesto. Para sobrepujar a culpa e a rivalidade e poderem continuar em comunidade os filhos instituíram a lei do incesto, abdicando das mulheres que desejavam. O que ocorre no mito criado por Freud vai ao encontro dos dois desejos recalçados no Complexo de Édipo, o parricídio e o incesto.

Em 15 de outubro de 1897, em uma correspondência à Fliess, na “Carta 71” (Freud, 1996e) que o criador da psicanálise diz pela primeira vez sobre sua formulação acerca do Édipo:

Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas [...]. Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex [...]. A lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual [...]. Passou-me pela cabeça uma rápida ideia no sentido de saber se a mesma coisa não estaria também no fundo do Hamlet (FREUD, 1996e, p. 316a).

É nesta Carta que nasce as reflexões iniciais acerca do Complexo de Édipo. Apesar de o autor grifar que isso foi experimentado por ele, nasce também aí a ideia, ainda que subjacente, que o Édipo se constitui como um operador universal do início da infância, sendo um elemento que compõe o alicerce para a ordenação do campo da sexualidade do sujeito. Toda a elaboração teórica sobre o Édipo como um operador teórico-clínico é tecida ao longo da obra de Freud, em um movimento não linear, sendo que a clínica, por meio dos fragmentos de casos clínicos, é quem possibilita suas construções teóricas.

Importante destacar que antes da “Carta 71”, de 15 de outubro de 1897, lendo retroativamente a correspondência de Freud a Fliess, o leitor encontrará mais duas referências tecidas, de modo implícito, sobre o Édipo, só que em maio do mesmo ano. A primeira é a “Carta 64” (Freud, 1996e) e a outra é o “Rascunho N”, desta mesma correspondência. Neste escrito epistolar, Freud (1996e) diz de um sonho com sua filha mais velha, Mathilde, em que tinha sentimentos super carinhosos com ela e, no penúltimo parágrafo da Carta, sublinha: “o sonho, é claro, mostra a realização de meu desejo de encontrar um pai que seja o causador da neurose e, desse modo, pôr fim às dúvidas que ainda persistem em mim sobre esse assunto”. (FREUD, 1996e, p. 304). No “Rascunho N”, Freud expõe que os impulsos de hostilidade em relação aos pais é algo que está incluído como elemento das neuroses. Isso aparece na seguinte formulação do autor: “parece que esse desejo de morte, no filho, está voltado contra o pai e, na filha, contra a mãe” (FREUD, 1996e, 307).

Mas, o termo Édipo volta a aparecer na obra fundadora da Psicanálise, intitulado “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1996f), escrita em 1900, em especial, quando Freud discorre sobreem uma seção sobre os “Sonhos sobre a morte de pessoas queridas”. Nesse item do texto, o criador da Psicanálise, explica que não é incomum os meninos sonharem com a morte do pai e as meninas com o falecimento da mãe. A inferência, trazida no texto, é que os garotos e as garotas veem o pai e a mãe como rivais, respectivamente, e que essa rivalidade tampona “uma relação que propicia as mais amplas oportunidades de surgimento de desejos que não podem passar pela censura” (Freud, Freud, 1996f). Freud afirma que a clínica com os psiconeuróticos ensina que:

os desejos sexuais de uma criança – se é que em seu estágio embrionário, eles mereçam ser chamados assim – despertam muito cedo, e que o primeiro amor da menina é o pai, enquanto os primeiros desejos infantis pelo menino é a mãe. Por conseguinte, o pai se transforma num rival perturbador para o menino, e a mãe, para a menina (1996f, p.284).

Freud (1996f), ainda no texto “A interpretação dos sonhos”, explica que essa descoberta dos desejos sexuais das crianças pelo progenitor do sexo oposto pode ser confirmada por uma lenda da Antiguidade clássica, do Rei Édipo, uma tragédia escrita por Sófocles, como já foi dito anteriormente. No texto, o autor afirma que *Oedipus Rex* sensibiliza uma plateia moderna tal como sensibilizava a plateia da Grécia Antiga. Isso pode levar a uma interrogação: por que essa tragédia grega atravessa a grande temporalidade e continua comovendo plateias contemporâneas? A resposta está no **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 128-148, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

próprio texto: “é destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e desejo assassino para nosso pai” (Freud, 1996f, p.289). Mas, assim como o protagonista do mito grego, o sujeito não se dá conta desses desejos inconvenientes e, por conseguinte, os recalca. Isso porque o que está colocado, fundamentalmente, no complexo edipiano é, como já foi mencionado, o desejo incestuoso e o parricídio, mas, paradoxalmente, há no próprio complexo uma interdição a isso. Interessante observar que, já nesse fragmento do texto “A interpretação dos sonhos”, há uma interessante direção para a clínica psicanalítica: aqueles e aquelas que chegam a um consultório psicanalítico orbitam nessa trama familiar edipiana, o que há de diferente é como cada um experienciou e se posicionou diante disso.

Depois de um interregno de mais de uma década entre essas Cartas a Fliess e o texto inaugural da psicanálise, Freud (1996g, p.176) escreve, em 1910, o trabalho intitulado “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”, texto em que utiliza o termo Complexo de Édipo pela primeira vez:

Ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de forma nova, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do Complexo de Édipo. Não perdoa a mãe por ter concedido o privilégio da relação sexual, não a ele, mas a seu pai, e considera o fato como um ato de infidelidade (FREUD, 1996g, p.176).

Neste texto o autor faz uma explanação sobre como são realizadas as escolhas amorosas tanto nos homens neuróticos quanto naqueles que o autor nomeia como normais. Sendo possível inferir que a escolha de objeto masculina é efeito do modo como o homem experimenta a cena edípica, buscando, na mulher atual, traços, características, elementos que reeditam as fantasias que se inscreveram no Complexo de Édipo. Aqui o grifo do trabalho incide sobre desdobramentos do Édipo no menino.

Até o presente momento, foram tratadas as questões do Édipo em uma incidência similar tanto para a menina e quanto para o menino. Mas a pergunta que se coloca como elemento para a continuidade da discussão é: quais as distinções do Complexo de Édipo na menina e no menino? Ao longo de sua obra, Freud não omite a dificuldade em tratar do Complexo de Édipo na menina, dizendo, por exemplo, que os processos que ocorrem na menina são pouco conhecidos, como explicita no texto “Organização genital infantil da libido” (FREUD, 1996h).

No artigo “O eu e o id” (FREUD, 1996i), publicado no ano de 1923, aparece uma primeira formulação sobre a distinção do Édipo na menina e no menino. Na terceira parte do texto intitulada “O eu e o Supereu (ideal do eu)” ao trabalhar as questões relativas à segunda tópica – id, ego e superego - introduz uma argumentação acerca da identificação primária e, para isso, retoma a discussão do Complexo de Édipo formulando sua tese da seguinte maneira: “[...] as escolhas de objetos pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe parecem resultar normalmente em tal identificação, e assim reforçar a identificação primária [...]” (FREUD, 1996i, p.39). E, a partir disso, explicita como se constitui a tríade da cena edipiana.

Mas o que interessa nessa discussão, para este artigo, é que Freud elabora questões interessantes do Complexo de Édipo para o menino e para a menina. O autor explica que a identificação do menino com o pai ganha contornos de hostilidade, que passa por um desejo de eliminá-lo, e, por conseguinte, busca substituí-lo junto à mãe. Mas, com o desfecho do Édipo esse investimento objetal, em relação à figura materna, é recusado, e, no lugar disso, pode aparecer uma identificação com o pai. Esta última identificação é vista por Freud como a mais normal e isso possibilitaria que o menino, de certo modo, manteria a relação de ternura com a mãe e, graças a este desenlace do Complexo de Édipo, de forma simples e positiva, o garoto experimentaria a consolidação de sua masculinidade.

O autor continua dizendo que a menina vivencia o Édipo de forma análoga ao modo experienciado pelo menino. Mas, adverte que o desfecho simples e positivo do Édipo talvez não seja o que mais ocorra, tanto para o garoto quanto para a garota, pois uma investigação mais detalhada mostra o que ele denominou de um Complexo de Édipo “[...] mais completo, que é duplo, um positivo e um negativo, dependente da bissexualidade da criança [...]” (FREUD, 1996i, p. 41). Isto é, o menino não tem apenas sentimentos ambíguos com o pai e uma amorosa e terna relação com a mãe, mas pode também expressar sentimentos de ternura e de escolha objetal em relação ao pai e exprimir sentimentos de hostilidade para com sua mãe. A gênese desses sentimentos ambíguos é decorrente da bissexualidade que é constitutiva do sujeito, seja na menina ou no menino. O modo como se dará a resolução do Complexo de Édipo na criança (menina ou menino) tem relação com a intensidade das identificações tecidas com o pai e com a mãe.

Pode acontecer, por exemplo, de a menina não se identificar, depois de abdicar do pai como objeto de amor, com a mãe e, sim, com o próprio pai, aparecendo aí uma posição de masculinidade e que isso também pode ocorrer, analogamente, com o menino. Nasce aí sua tese sobre a bissexualidade do sujeito.

Ainda nesse texto, Freud (1996i) grifa que no movimento da segunda tópica, em especial na formação do Supereu, existe uma diferenciação na constituição subjetiva dos sexos. O Supereu se configura, para o autor, como o herdeiro do Complexo de Édipo, mas essa herança se dará de forma diferente na menina e no menino. Para este o Supereu se funda na medida em que o menino renuncia ao desejo de ter os pais como objetos sexuais e passa a tê-los como objetos de identificação. A torção de mudança objetal possibilita que o garoto se submeta a interdição do incesto, imposta por esse operador psíquico.

No decorrer deste artigo, será mostrado que para a menina o caminho não é o mesmo, pois a vivência do Édipo se dá de forma diferente e que a constituição do Supereu não se funda de forma análoga ao do menino. Para a garota, segundo Freud (1996i), essa constituição não é sem falhas, lacunas e cheia de incompletudes. Essa discussão é importante para mostrar que não há linearidade e um único percurso para a vivência do Édipo.

É no artigo “A dissolução do Complexo de Édipo”, publicado em 1924, que Freud (1996c) recua claramente da tese da simetria do Édipo. Nesse movimento, procura discorrer as incidências do Édipo, enfatizando, pela primeira vez, que os caminhos do complexo são diferentes na menina e no menino, insistindo que considera o “[...] Complexo de Édipo como o fenômeno central do período sexual da primeira infância [...]” (FREUD, 1996c, p. 204).

A queda da tese da simetria do Édipo na menina e no menino se dá por conta de sua formulação acerca da castração. Por meio da entrada da categoria do complexo de castração, Freud (1996c) postula que a cena edipiana se dá no período fálico, em que a criança reconhece apenas um genital, qual seja o pênis e, por conseguinte, chega à inferência de que há aqueles que têm e aquelas que não têm pênis: em seres humanos que são castrados (as meninas) e seres humanos que não são castrados (os meninos). Demonstra isso dizendo que quando o menino centra seu interesse no genital e se masturba, observa que os adultos não aprovam tal

comportamento, aparece para o garoto a ameaça de que esse órgão pode ser tirado, incidindo aí no perigo da castração. Para ilustrar isso Freud (1996c, p. 206) destaca:

[...] Geralmente a ameaça de castração vem das mulheres; com frequência elas buscam reforçar sua autoridade invocando a pai ou o médico, que, segundo afirmam, executará o castigo. Em certos números de casos as próprias mulheres fazem uma atenuação simbólica da ameaça, ao dizer que o genital, propriamente passivo, não será eliminado, mas sim a mão que pecou ativamente [...].

Outro ponto trabalhado por Freud (1996c) para dizer da castração no menino é quando sinaliza que o garoto observa a falta de pênis nas meninas. Com essa observação a criança infere que ela próprio pode estar suscetível a essa falta. E, assim, a perda do genital pode ser algo que o acometa. Os desdobramentos disso, segundo a teoria freudiana, seria que a organização genital fálica, para o menino, desaparece frente a essa ameaça de castração. Isso porque o garoto experimenta um conflito e a observação que se formula é: se o desejo amoroso, na relação edipiana, incide na possibilidade de perda do pênis, o interesse narcísico pelo genital prevalece em relação ao investimento de amor dos objetos parentais. Por conseguinte, há o afastamento da trama edipiana.

Mas, como já foi dito, Freud (1996c) se interroga, nesse texto, se algo similar ocorre com as meninas, indagando se haveria uma correspondência entre o Édipo da menina em relação ao do menino. As formulações, de partida, já sinalizam a dificuldade da resposta, pois o autor afirma que para a garota pequena esse operador se torna incompreensível e obscuro e que seu entendimento sobre esse processo é marcado por lacunas. No entanto, afirma que a menina experimenta o Complexo de Édipo, que há a instância fálica, bem como o complexo de castração. Mas, que esse percurso não é análogo ao do menino.

No início, para a menina, o clitóris se apresenta de forma análoga ao pênis do menino. Mas, na medida em que tem contato com outros meninos, ela percebe a diferença e aparece aí um sentimento de inferioridade. Ainda assim, a menina tem a ilusão de que com o tempo, quando estiver crescida, desenvolverá o genital masculino. Isso não implica que compreenda sua falta em relação ao pênis. Mas, formula a tese mítica de que já o havia possuído e que o perdeu com a castração. Paradoxalmente acredita que as mulheres mais velhas têm o pênis grande e completo, assegurando, assim, a instância da primazia do falo, presente na fase fálica.

O resultado disso é que, para a menina a castração é algo consumado, ao passo que o menino receia a possibilidade de isso se concretizar.

O autor reforça a tese trabalhada no texto “A dissolução do Complexo de Édipo” (FREUD, 1996c) e o efeito dessa discussão é novamente apontar para as distinções da vivência da trama edipiana na menina e no menino, este sai do Complexo de Édipo por meio da angústia de castração, em que o Supereu se torna seu herdeiro e aquela (a menina) entra no Édipo por meio da castração e da inveja do pênis. A constituição do Supereu, na menina, se dá com dificuldades, por meio de muitas vicissitudes, pois, de largada, a ameaça de castração não está colocada, mas consumada. Esse movimento teórico coloca em relevo o que Freud (1996h) chamou de primazia do falo. O autor reforça essa tese no texto intitulado “A organização genital infantil” (FREUD, 1996h), redigido em 1923, em que afirma que “a significação do complexo da castração só pode ser apreciada corretamente quando se considera também sua origem na fase da primazia do falo” (FREUD, 1996h, p.173). Isso porque, a fase fálica se constitui pela ausência de representação do órgão feminino e o que está em jogo é a distinção sexual a partir daquele que tem e daquela que não tem o falo.

Em 1925, no texto intitulado “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, Freud (1996j) reafirma sua tese sobre a distinção do Édipo para a menina e para o menino. Diz que nas suas primeiras formulações, sobre esse operador psíquico, o que estava em relevo eram as configurações psíquicas da vida sexual do pequeno garoto e que na pequena menina isso ocorria de forma análoga. Mas, neste trabalho, similar ao que fez no texto “A dissolução do Complexo de Édipo” (FREUD, 1996j), o que o autor se interroga é como a menina abandona a mãe como objeto de amor e passa a dirigir essa paixão para o pai.

Há dois elementos complicadores que se apresentam no Édipo da menina. O primeiro seria essa mudança do objeto amoroso. Já o segundo se caracteriza por uma formação secundária, em que há uma torção e o pai da psicanálise cria a premissa de que o complexo de castração que precede e prepara o Complexo de Édipo na menina. Dito de outro modo, enquanto no menino a trama edipiana naufraga com o complexo de castração, na menina é a castração que a introduz na cena edípica. Fica explícito que a maneira como a menina experimenta o complexo de castração, relacionado à distinção anatômica entre os órgãos sexuais, faz com que, de largada, a castração

esteja consumada para ela, ao passo que para o menino isso se configura apenas como uma ameaça.

Os efeitos disso é que, no menino, a castração aniquila o Complexo de Édipo, fundando o núcleo do Supereu, que vai se configurar como seu herdeiro, pois como explica Freud (1996i, p.297)

[...] o Complexo de Édipo não é simplesmente reprimido, ele realmente se despedaça com o choque da ameaça de castração. Seus investimentos libidinais são abandonados, dessexualizados e parcialmente sublimados, seus objetos são incorporados ao Eu, onde formam o âmago do Supereu e emprestam a essa nova formação traços característicos. No caso normal – melhor dizendo: ideal – não subsiste mais um Complexo de Édipo no inconsciente, o Supereu é seu herdeiro [...].

Já na menina não existe motivo para o desmoronamento do Édipo, pois “[...] a castração já produziu seus efeitos, que consistiu em impedir a criança para a situação do Complexo de Édipo [...]” (FREUD, 1996i, p.298). Por conta disso, a trama edipiana pode ser lentamente abandonada e, por conseguinte, seus efeitos podem continuar em um período maior da vida psíquica da mulher e a formação do Supereu, diferente do que acontece com os homens, se dá por meio de lacunas e dificuldades.

Freud (1996i) volta a discorrer sobre as questões do Édipo na menina na Conferência XXXIII, intitulado a “Feminilidade” – escrito em 1933 – o autor reforça a tese de que para o menino a mãe se configura como primeiro objeto de amor e que isso perdura no decorrer do Édipo e durante toda a vida do garoto. Diz, novamente, que para a menina a mãe também se constitui como primeiro objeto amoroso, em uma fase pré-edipiana. Mas será necessário, no Édipo, que o pai se torne esse objeto, levantando novamente a interrogação como seria essa passagem de mudança objetal para a garota. Explica que o afastamento da mãe é acompanhado de hostilidade e um sentimento de ódio, com queixas e acusações.

Freud (1996i) retoma a questão de que no início do desenvolvimento sexual da menina a mãe é seu objeto de amor, em uma fase caracterizada pré-edipiana e que a entrada no Édipo exigiria da garota um duplo movimento: (1) o abandono da mãe como objeto e (2) a passagem para uma relação objetal amorosa com o pai. Essa troca de objeto não é feita sem dificuldades. Pois ainda que a menina consiga realizar esse movimento, a relação com o pai pode ser análoga ao que foi experimentado anteriormente com a mãe.

O autor retoma também a discussão sobre o complexo de castração, dizendo que a descoberta de que não possui o pênis leva a menina a três possíveis posicionamentos. O primeiro incide em uma posição de desvalorização da mãe, na medida em que descobre que a mãe, assim como ela, também não é possuidora do pênis. Isso leva a menina a renunciar sua atividade masturbatória e, por conseguinte, a fase fálica, já que seu órgão genital não ocupa o mesmo lugar que o pênis do menino.

O segundo posicionamento da menina frente à descoberta de que não tem pênis se configura como uma negação do reconhecimento de que tanto a mãe quanto ela não possuem o órgão genital masculino. Isso leva a garota a acreditar que um dia poderá ainda vir a ter um pênis, conservando um sentimento de inveja por não o ter.

A terceira possibilidade seria tomar o pai como objeto, que a possibilita ingressar no fluxo do Complexo de Édipo, por meio da aceitação de sua feminilidade.

Na tentativa de responder a essa interrogação, Freud (1996l, p.288) explica que “o Complexo de Édipo da garota pequena traz, em si, um problema a mais que o do garoto [...]. Ela precisa mudar o objeto de amor e se deparar para algo que está em um campo desconhecido.

A despeito das diferenças experimentadas por meninos e meninas no Complexo de Édipo, há na vivência de cada sujeito, a internalização da interdição inscrita nos dois desejos da cena edipiana: o incesto materno e o assassinato do pai. Isso dá subsídios ao sujeito de se inscrever na cultura e no laço social.

### **3 O COMPLEXO DE ÉDIPO EM LACAN**

Lacan, em suas formulações, propõe uma retomada da produção teórico-clínica de Freud. Pode-se dizer que o psicanalista francês recupera a produção freudiana e traz outros elementos para ela. Um exemplo disso é a leitura que faz do Édipo freudiano, localizando-o no terreno da linguagem, em que o que opera é a posição da tríade constituinte do Complexo que é totalmente imbricada ao significante falo e articulada ao complexo de castração. Nesse contexto o Complexo de Édipo é, para Lacan, uma estrutura que incide na formação subjetiva do sujeito, como já foi mencionado no início deste texto.

É no Seminário 5, intitulado “As formações do Inconsciente” (1957-1958) que Lacan (1999c) traz suas principais considerações acerca do Édipo. Na lição IX, desse **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 128-148, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

Seminário, começa dizendo que a função paterna é o epicentro da trama edipiana, na história da psicanálise. Enumera como isso desponta na obra freudiana: (1) aparece nas ciências do sonho; (2) recupera o aforismo freudiano que o que o inconsciente revela, de largada, é o Complexo de Édipo; (3) retoma a máxima freudiana sobre a presença dos desejos infantis pela mãe e de como eles são recalcados e (4) diz sobre o esquecimento de que esses desejos são primordiais e presentes para o sujeito. Lacan (1999c, p.167). explica que “[...] foi a partir daí que partiu a análise e é a partir daí que se articula um certo número de indagações clínicas”. Mas o mais importante nessa lição é a articulação que o autor faz entre a metáfora paterna e o Complexo de Édipo.

Lacan (1999c) defende a tese de que o pai intervém em diversos planos na relação da mãe com a criança, em especial, ele interdita a mãe. O autor anuncia que essa interdição é o fundamento, a gênese do Complexo de Édipo, sendo o ponto nodal em que o pai advém como protagonista em relação à lei primordial da proibição do incesto. Ele é aquele que encarna essa proibição. Nas palavras do autor:

[...] as vezes tem de manifestá-la de maneira direta, quando a criança se deixa levar por suas expansões, manifestações e pendoros, mas é para além disso que ele exerce esse papel. É por toda a sua presença, por seus efeitos no inconsciente, que ele realiza a interdição da mãe. Vocês estão esperando que eu o diga: *sob a ameaça de castração*. É verdade, convém dizê-lo, mas isso não é tão simples. É certo que a castração tem nisso um papel manifesto e cada vez mais confirmado. O vínculo da castração com a lei é essencial [...]. (LACAN, 1999c, p.175, grifo do autor).

Lacan (1999c), para dizer sobre interdição e castração, inicia pontuando isso no caso do menino. Explica que a relação pai-menino se institui por meio do medo de castração. Isso se apresenta como uma retaliação em uma relação hostil e agressiva. Tal hostilidade e agressividade parte do filho, que não suporta ver seu objeto de amor, a mãe, interdito e, além disso, ser dirigido ao pai. Isso retorna para o garoto “em função da relação dual, uma vez que ele projeta imaginariamente no pai intenções agressivas equivalentes ou reforçadas em relação às suas, mas que têm como ponto de partida suas próprias tendências agressivas” (LACAN, 1999c, p. 175). O autor continua dizendo que o medo que advém do progenitor é centrífugo, que significa que seu centro gravita no sujeito e não no pai. Esse movimento se apresenta também na experiência e na história da análise. O viés clínico sinalizou que era preciso ter cautela com o medo que a criança experimentava em relação ao pai.

Se o medo do pai incide na ameaça de castração, então é importante interrogar a que se refere essa ameaça. Sobre isso Lacan (1999c, p.178) diz que se trata da “intervenção real do pai no que concerne a uma ameaça imaginária, R.i, pois é muito raro que ele seja realmente cortado [...] a castração é um ato simbólico cujo agente é alguém real [...] se o menino se sente cortado é por imaginar isso”. Nesse movimento o pai proíbe a mãe, frustrando tanto o menino quanto a menina da possibilidade de possuir a mãe. Com isso entra-se em outro patamar, o da frustração. Importante dizer que nesse movimento da frustração “o pai intervém como detentor de um direito [...]. Nesse ponto, é o pai como simbólico que intervém numa frustração, ato imaginário concernente a um objeto muito real, que é a mãe, na medida que a criança necessita dela” (1999c, p.178). O terceiro e último patamar é o da privação. Nesse ponto o pai torna-se aquele que se faz preferir em relação à mãe, seja pelo lado da força ou pelo lado da fraqueza. Daí advém uma identificação final. O autor francês destaca que é na privação que se centra a interrogação da distinção do efeito do Édipo no garoto e na garota. Explicita que isso não cria dificuldades do lado da menina, “e é por essa razão que se diz que a função do complexo de castração é dissimétrica no menino e na menina” (LACAN, 1999c, 179). O psicanalista tece a seguinte explicação a respeito da castração na menina e no menino:

É na entrada que fica a dificuldade para ela, ao passo que, no fim, a solução é facilitada, porque o pai não tem dificuldade de se fazer preferir à mãe como portador do falo. Para o menino, em contrapartida, é uma outra história e é aí que fica aberta a hiância. Como é que o pai se faz preferir à mãe, na medida em que é por aí que se produz a saída do Complexo de Édipo? [...] pare-nos que para o menino, o Complexo de Édipo é sempre o que há de menos normatizador, ao passo que ainda assim ele fica implicado. Dizem até que ele é o mais normatizador, visto que é pela identificação com o pai que a virilidade é assumida (Lacan, 1999c, p.179)

O que está em jogo para Lacan é interrogar sobre o lugar do pai no Complexo de Édipo. O autor parte da premissa de que o pai não é um objeto real, ainda que faça intervenção para dar lugar à castração. Mas a pergunta persiste: se o pai não é um objeto real, então, o que ele é? Nas formulações lacanianas o pai é simbólico e, mais especificamente, uma metáfora. Isso implica dizer que a metáfora incide em o pai ser um significante que substitui um outro significante. Assim, “a função do pai no Complexo de Édipo é ser um significante que constitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno” (LACAN, 1999a p. 180). Isso implica dizer que na metáfora paterna “há, propriamente, no que foi constituído por

uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe” (LACAN, 1999c, p. 186).

O pai entra na relação da criança com a mãe como portador da lei. Lei que interdita o objeto que é a mãe. Essa operação, realizada pela função paterna, foi nomeada por Lacan de Nome-do-Pai, que encarna a lei da proibição do incesto, por meio do complexo de castração. O pai, como Nome-do-Pai, como terceiro na relação mãe-criança-pai, funciona como mediador de algo que transcende os caprichos e a lei da mãe.

Já na lição X, ainda no Seminário V, Lacan (1996c) continua a trabalhar as questões que circundam o complexo, por meio daquilo que ele intitulou dos Três Tempos do Édipo. Esses três tempos lógicos apontam para distintas relações do sujeito com o campo do Outro e com o campo da castração.

Para Lacan (1999c), o primeiro tempo do Édipo incide em a criança procurar, como desejo de desejo, satisfazer ao desejo da mãe. Essa tese do psicanalista francês é apropriada já que, nesse período criança e mãe têm uma relação fusional indistinta. Isso ocorre por conta de a mãe – ou aquele ou aquele cuidador (a) - ser responsável pela satisfação das necessidades da criança. Para que esse pequeno ser possa satisfazer ao desejo da mãe, ela se identifica ao falo – objeto em que orbita a satisfação materna. A criança transita na inquietação subjetiva de ser ou não ser o falo da mãe. Nessa construção lacaniana, do Complexo de Édipo, o pai fica fora da imbricada relação mãe-criança. Mas, paradoxalmente, ele se introduz por meio do significante inscrito na mãe. O que opera para a criança é uma identificação especular com o objeto de desejo da mãe, qual seja, o falo. Lacan (1999c, p. 198) expõe que “essa é a etapa fálica primitiva, aquela em que a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do simbólico, do discurso e da lei”.

O segundo tempo do Édipo parte da inquietação subjetiva da criança em ser ou não ser o falo para a mãe, mas traz aí mesmo uma diferença, nas palavras de Lacan (1999c, p. 209):

Esse segundo tempo tem como eixo o momento em que o pai se faz pressentir como proibidor. Ele aparece mediado no discurso da mãe. Agora há pouco, na primeira etapa do Complexo de Édipo, o discurso da mãe era captado em estado bruto. Dizer agora que o discurso do pai é mediado não significa que façamos intervir novamente o que a mãe faz da palavra do pai, mas que a fala do pai intervém efetivamente no discurso da mãe. Portanto, ele então aparece menos velado do que na primeira etapa, mas não é

completamente revelado [...] nessa etapa o pai intervém a título de mensagem para a mãe.

Nesse segundo tempo é possível dizer que há a intervenção de um terceiro que atravessa a relação mãe-criança, ainda que mediado pela própria mãe. Isso possibilita que apareça, para a criança, por meio da metáfora paterna, a falta experimentada no campo do grande Outro, já que ela descobre que é para o pai que a mãe se remete. A criança experimenta isso como uma frustração e, ao mesmo tempo, como uma privação, e com essa experiência ingressa no registro da castração, já que é o pai quem é o possível portador do falo. Nesse momento do Édipo, a criança percebe que o desejo da mãe está intimamente submetido a lei do desejo do Outro, inscrito no significante paterno, na metáfora do pai. Ao se deparar com isso a criança percebe, subjetivamente, que o seu próprio desejo está, também, submetido a uma lei – a lei do desejo do Outro.

Lacan (1999c, p. 200) diz que o terceiro tempo do Complexo de Édipo é tão importante quanto o segundo. Aqui “o pai pode dar à mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui. Aqui intervém, portanto, a existência da potência no sentido genital da palavra”. É nesse terceiro tempo que se dá a saída, o declínio do Complexo de Édipo, por meio da identificação com o pai, com aquele que possui o falo. O psicanalista francês nomeia essa identificação como ideal do eu. Mas o que significa o declínio do Édipo nas formulações lacanianas?

Não quer dizer que o menino vá tomar posse de todos os seus poderes sexuais e exercê-los, como vocês sabem. Muito pelo contrário, ele não exerce nem um pouco, e poderíamos dizer que, aparentemente, decai do exercício das funções que começa a despertar [...]. A metáfora paterna desempenha nisso um papel que é exatamente o que poderíamos esperar de uma metáfora – leva à instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardado de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde. O menino tem todo o direito de ser homem, e o que lhe possa ser contestado, mais tarde, no momento da puberdade, deverá ser relacionado a alguma coisa que não tenha cumprido completamente o identificação metafórica com a imagem do pai, na medida em que essa identificação se houver constituído através desses três tempos (Lacan, 1999c, p. 201).

Já para a menina o declínio do Édipo se dá de forma diferente em relação ao menino. Ela não tem que se a ver com a identificação, nem reivindicar o direito à virilidade. Lacan acredita que por conta disso, o desfecho do Édipo para menina é mais simples.

A despeito das diferenças do declínio do Édipo na menina e no menino, o que Lacan (1999c) trabalha incessantemente no seu quinto seminário são as

idiosincrasias da função paterna, função essencial na formação subjetiva do sujeito e que incide em vários planos. Mas certamente o plano primordial é interditar a mãe à criança, inscrevendo as insígnias da principal operação do Complexo de Édipo: instauração da lei primordial da proibição do incesto. Quais os efeitos disso para o sujeito? Cada um, por meio de uma posição diante do próprio desejo, vai dar uma direção para o que aparecer de sua divisão e de sua castração.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interessante observar que o Complexo de Édipo nasce de uma analogia ao mito grego intitulado Édipo Rei. Uma tragédia que atravessou a grande temporalidade histórica e que mobiliza plateias tal qual ocorria nos teatros gregos. Isso porque traz as marcas dos dois desejos recalcados pelo sujeito - o assassinato do pai e o incesto em relação à mãe - ao mesmo tempo. Paradoxalmente, inaugura a lei primordial que interdita a mãe à criança, por meio do que aparece, na mãe, do significante paterno e depois a partir daquilo que se apresenta na figura do próprio pai, intitulado por Lacan de metáfora paterna. Além do Édipo, Freud traz outro mito em que as questões do parricídio e o incesto estão colocadas, Totem e Tabu. Foi importante trazer esse mito para a discussão já que há uma similaridade entre o mito criado por Freud e o Édipo, os dois tratam do parricídio e do incesto.

Diante da relevância da temática, este artigo procurou formular as questões do Complexo de Édipo nas elaborações teóricas de Freud e em relevantes apontamentos de Lacan. Isso porque o complexo é um importante operador teórico-clínico para as questões que aparecem no *setting* analítico. Para isso, o caminho percorrido buscou trazer para a cena discursiva a construção conceitual do Complexo de Édipo tecida por Freud e Lacan, na tentativa de dizer como esse operador pode dar subsídios para a prática clínica, já que é uma fração daquilo que pode vir a organizar o sujeito diante da distinção entre os sexos, mas principalmente, diante da submissão à lei primordial do incesto, frente à angústia de castração.

Interessante que para discorrer sobre esses elementos foi necessário trazer para o texto as primeiras teses de Freud sobre o Édipo, em que ele defendia a similaridade do Édipo na menina e no menino. Depois as discussões incidiram na associação entre o conceito de identificação à trama edipiana e a relação disso na

formação do Eu e do Supereu e, por fim, as distinções do Édipo no menino e na menina e como isso é experimentado a partir do complexo de castração.

Já Lacan, além de retomar o Édipo em Freud, grifa a questão da função paterna. O que ganhou contorno foi a discussão do pai como metáfora em que o que está em jogo é menos concretamente o pai biológico, mas o significante Nome-do-Pai. Depois disso há a apresentação e debate dos três tempos do Édipo que especificam aquilo que foi discutido sobre a metáfora paterna.

É intrigante pensar que a criança vivencia suas primeiras experiências no campo da sexualidade com aquilo que se apresenta no romance familiar, mas o mais importante é como cada sujeito experimenta e se posiciona diante disso e como isso pode aparecer no tratamento, por meio da transferência. Destarte, o modo como o sujeito diz, na clínica, sobre os efeitos daquilo que vivenciou na trama familiar inscrita no Édipo, pode dá indicações para um diagnóstico diferencial. Importante dizer que tanto a transferência quanto o diagnóstico diferencial e suas relações com o Édipo não foram tratadas neste texto, mas são pontos que merecem investimento em trabalhos futuros.

Outro tema que merece investimento e aprofundamento é a questão do Édipo nas novas configurações familiares do século XXI e como isso está sendo experimentado pela criança em relação às figuras parentais. Importante dizer que essas discussões impõem um deslocamento das leituras canônicas psicanalíticas, que exige do profissional uma busca teórica que siga as trilhas daquilo que aparece na clínica contemporânea e que possa reverberar em um trabalho que acolha o sofrimento psíquico inscritos na atualidade.

## REFERÊNCIAS

DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Os irmãos Karamazov**. São Paulo: Martin Claret, 2013.  
FARIA, Michele Roman. **A constituição do sujeito e estrutura familiar – o Complexo de Édipo, de Freud a Lacan**. Taubaté: Cabral, 2014.

FREUD, S. **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1996e, v. III.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1996f. v. IV.

FREUD, S. **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996a, v. X.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996b, v. VII.

FREUD, S. **Totem e tabu.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996d, v. XIII.

FREUD. A **organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996h, v. XIX.

FREUD. **A dissolução do Complexo de Édipo.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996c, v. XIX.

FREUD, S. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996j, v. XIX.

FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise.** Conferência XXXIII: Feminilidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996l, v. XXII.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002a.

LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999c.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. **Édipo em freud: o movimento de uma teoria.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a08.pdf>. Acesso em: 05 de abr. 2020.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet, príncipe da Dinamarca.** In: Shakespeare – tragédias, São Paulo: Abril Cultural, 1978, vol. I.